

AMADO, Jorge. *Navegação de cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2012. 508 p.



*Navegação de cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei* foi publicado pela primeira vez em 1992 pela Editora Record. Ganha agora em 2012 uma edição luxuosa de capa dura pela Companhia das Letras, que traz um Jorge na sua companheira máquina de escrever, trabalhando num de seus originais tão conhecidos por nós do nuLIME. O livro é escrito pelo próprio Jorge Amado, que nos conta tanto com fragmentos textuais como com fotos de seus arquivos pessoais algumas lembranças marcantes de sua vida familiar, social e política. As lembranças são organizadas por local e por ano de acontecimento. Com uma estratégia de enredar o leitor nas artimanhas das memórias o próprio escritor adverte *De logo quero avisar que não assumo qualquer responsabilidade pela precisão das datas, sempre fui ruim para as datas* [...].

O material iconográfico que inicia o livro é bastante rico e já demonstra a intensa vida social, política, cultural do escritor baiano. A Bahia, seu estado natal é bastante presente como o é na sua obra ficcional. Há lembranças visuais de um “vatapá” na casa de Jorge e de sua primeira esposa, Matilde Garcia Rosa, onde aparece Lila (a primeira filha do casal, falecida em 1949). Há fotos que trazem imagens de pessoas importantes no período, como Samuel Wainer, Carlos Lacerda, Augusto Rodrigues e sua futura esposa Suzana, Moacir Werneck de Castro, Theófilo de Barros Filho, César (irmão de Bluma Wainer, esposa de Samuel), o irmão de Jorge, James Amado e Otávio Malta. Outras fotos ilustram o livro, como Simone de Beauvoir, Jean Paul Sartre, Vinicius de Moraes, Glauber Rocha, Pablo Neruda, Oscar Niemeyer, Dorival Caymmi, Carybé, Guimarães Rosa, Roman Polanski, Juscelino Kubitschek, José Saramago, Caetano Veloso, Gilberto Freyre, Zélia Gatai, sua segunda esposa, e assim segue a lista de intelectuais e políticos que registraram seus momentos com Jorge.

Além de fotos, Jorge Amado coloca cartas pessoais que trocou com personalidades como Sérgio Buarque de Hollanda. Nessa carta ele recebe a incumbência do jovem cantor João Gilberto, de o recomendar para o historiador, já que iria se casar com a filha de Sérgio. Há uma carta de

Mário de Andrade, na qual o escritor elogia Jorge por ser *o tipo de escritor verdadeiro, que é fatalmente escritor, e que por isso mesmo foi subindo, foi subindo* [...].

Nas memórias em forma de texto fragmentado e não linear, o que lhe dá o tom de originalidade, estão o exílio na França em 1948 e na Tchecoslováquia pra onde vai em 1949. Narra a chegada a Paris do filho João Jorge de quatro meses; os encontros com Picasso e Neruda, o batismo da filha Paloma aos 35 anos, o Primeiro Congresso de Escritores Brasileiros da ABDE (Associação Brasileira de Escritores), o golpe de 1964, seu ânimo com a criação do Partido dos Trabalhadores (PT) e sua desilusão, posteriormente com o Partido e mais uma sucessão de registros disso que se propôs como “apontamentos”.

Leitoras dessas memórias fragmentadas em um momento que o nuLIME, núcleo Literatura e Memória da UFSC (CCE) trabalha ativamente com parte da materialidade das memórias não reveladas, sentimos falta de um período importante da sua biografia: 1941 e 1942, os anos de exílio em Buenos Aires e Montevideú, respectivamente e sua inserção na campanha pela libertação de Luiz Carlos Prestes e pelo seu envolvimento com o Partido Comunista durante o Estado Novo. Essa omissão no momento em que paradoxalmente escreve a “história que jamais escreverá” parece ser proposital. Jorge Amado desejava não mais falar detalhes e particularidades de sua militância comunista, que começa em 1932 com sua filiação ao PCB. Em *Navegação de Cabotagem* é assim explicada sua relação com o passado de engajamento político:

[...] Tantos anos depois de ter deixado de ser militante do Partido Comunista, ainda hoje quando a ideologia marxista-leninista que determinava a atividade do Partido se esvaziava e fenece, quando o universo do socialismo real chega a seu triste fim, ainda hoje não me sinto desligado do compromisso assumido de não revelar informações a que tive acesso por ser militante comunista. [...] (AMADO, p. 16, 2012)

Do passado comunista, poucas imagens são produzidas na parte ilustrada: o cartaz de sua campanha

a deputado federal em 1945 pelo PCB, uma foto sua em um comício na época da campanha, uma foto em que ele posa com Anita e Lygia Prestes, filha e irmã de Luiz Calos Prestes, uma foto com Fidel Castro em 1986, todas lembranças datadas depois de 1941 e 1942. Dos presentes em fotos e textos em *Navegação de Cabotagem*, Samuel Wainer e sua primeira esposa Bluma aparecem como contatos e explícita relação de amizade pessoal e política de Jorge Amado durante os anos de exílio em Buenos Aires e Montevideú. Bluma, inclusive, escreve, dando notícias sobre as contingências políticas e as atividades jornalísticas do marido durante o Estado Novo. Além do casal, Jorge mantinha uma documentada relação de confiança, íntima e pessoal com o escritor e intelectual gaúcho Ivan Pedro Martins, com o tradutor para o espanhol de *O Cavaleiro da Esperança*, Thomás Pompeu de Aciolly Borges (Pompeu Borges), e com diversos outros companheiros comunistas que utilizavam pseudônimos para se corresponder, evitando possíveis problemas com a ditadura e com a censura.

Jorge Amado, embora esses registros não estejam em seu livro de memórias, escreveu e recebeu cartas e apoio de outros escritores latinoamericanos como Sofia Arzarello, Aydano da Costa, Alberto Soriano Thebas, recebeu ensaios e poesias sobre Luiz Carlos Prestes, correspondência de Leocádia (mãe do líder da Coluna), Olga Benário (esposa de Prestes que morreu nos campos de concentração) e Anita (filha de Prestes e Olga que nasceu em Barnimstrasse, um dos campos de concentração femininos em Berlim), que por sua luta contra o nazifascismo e levante da bandeira socialista se tornaram ícones para todos os exilados políticos. Uma coleta de dados sobre a vida de Prestes foi feita, com intensa pesquisa, pelo escritor, para auxiliá-lo a escrever

a biografia primeiramente chamada de *ABC do cavaleiro da esperança* (com “lh”), publicada primeiramente na Argentina como *La vida de Luis Carlos Prestes* e mais tarde no Brasil como *O cavaleiro da esperança* (ganhando aqui um significado de luta e honra). Tudo isso, porém, não recebe o devido registro nos apontamentos.

*Navegação de cabotagem* nos traz, assim, muito pouco sobre esses dois anos de exílio e sobre a militância política de Jorge Amado. Ao ler *Navegação de Cabotagem* se tem uma nítida impressão que ele quis apagar esse período da sua biografia. Em entrevistas, reportagens, correspondências há mínimos detalhes sobre sua vida em 1941 e 1942 e por essa razão suas biografias possuem um vazio no que concerne a esses dois anos. Sem a palavra autoral do biografado, sem histórias para contar e sem documentos em que pudessem se basear, os biógrafos e o próprio Jorge Amado deixam uma espécie de vácuo, de vazio, um buraco, uma cova para que nós, professores, pesquisadores, busquemos entender com as informações que temos a sua militância comunista no início dos anos 40, quando recebeu a incumbência de biografar o líder da Coluna Prestes. *Navegação de Cabotagem* e seus vazios nos permitem fazer apontamentos para preencher os importantes e instigantes vazios desse livro de memórias de fundamental leitura para historiadores e pesquisadores de literatura, cultura e política.

THALITA COELHO  
UFSC

Recebido: 24 de setembro de 2012  
Aprovado: 15 de outubro de 2012  
Contato: rukoshinoda@gmail.com